



A saga dos medicamentos genéricos - algumas questões à espera de resposta

João M Videira Amaral

Ultimamente os meios de comunicação social têm veiculado notícias quase diariamente sobre a questão dos genéricos, dando conta do confronto de opiniões entre alguns farmacêuticos e alguns médicos.

Parece-me, pois, ser actual trazer para o fórum que é a APP esta questão quente para debate. Eis, então, algumas ideias ou perguntas (provocatórias) que lanço, na expectativa de que as mesmas suscitem a intervenção do contraditório, o que enriquecerá os conteúdos da APP:

1- Uma vez que os medicamentos genéricos são (em princípio) menos onerosos do que os de marca, parecerá, à partida, que o tema tem a ver com a redução dos custos por parte dos cidadãos - neste caso, familiares de crianças e adolescentes - uma vez que vivemos em plena crise económica e financeira.

2- Não discuto a questão da legitimidade nem da legalidade de quem prescreve - o médico - concordando inteiramente com a opinião veiculada pelo Bastonário da Ordem dos Médicos. O médico é soberano desde que profissionalmente responsável e decida em consciência.

3- Mas, no meu entendimento, há algumas perguntas para as quais, até à data, não vi resposta; ou seja, há aspectos que não estão completamente esclarecidos, “faltando contar a história até ao fim”.

4- Quem argumenta que os genéricos não têm qualidade - os genéricos vendidos em Portugal - com que fundamento o faz? Qual a evidência?... como hoje é cientificamente moderno dizer-se?

5- A noção de confiança em determinado produto deverá basear-se em estudos científicos demonstrando a sua eficácia, eficiência, efectividade, inocuidade, etc.... E há-os? E se os há, a tutela responsável divulgou-os, demonstrou com provas científicas?

6- Embora se saiba que à face da terra existe comercialização de medicamentos falsificados (artigo recente de D Virella na APP 2008;39(1):46-50) como se demonstra que os genéricos não estão incluídos neste grupo?

7- Médicos que receitam genéricos e outros que não: que grau de confusão tal facto poderá gerar nos cidadãos/familiares de crianças? E os médicos que não receitam genéricos na clínica privada também não o fazem em instituições estatais?

8- Por fim, porque será que há tanta escassez de genéricos em formulação pediátrica? É certo que a tutela tem abordado o assunto cuja solução poderá ser complexa.

9- E porque não há praticamente genéricos de produtos biológicos - muito caros de marca - como imunoglobulinas, anticorpos monoclonais, etc.? Deduz-se, mas é um facto.

Eis, pois, os ingredientes que trouxe, para discussão.

Correspondência:
João Manuel Videira Amaral
Director da Acta Pediátrica Portuguesa
app@spp.pt
jmvamaral@fcm.unl.pt